

A ARTE DAS SOCIEDADES DE TRADIÇÃO ORAL

Hector Junior Zapata Paixão ¹

Magno da Costa Paim ²

Resumo:

Este trabalho tem o objetivo de discutir a definição de arte nas sociedades de tradição oral enquanto linguagem ou sistema de significações socialmente compartilhada por um grupo, da qual está ligada a um repertório mítico, denominado de Perspectivismo Ameríndio por Eduardo Viveiros de Castro. A partir da discussão do conceito de arte indígena, pode-se partir para entender as motivações e os impulsos que ocasionaram a elaboração de tão sofisticada arte, além de construir uma metodologia de estudos de decorações em um sociedade arqueológica. O debate acerca do Perspectivismo Ameríndio traz à tona elementos complexos da mitologia ameríndia ligados à existência dos seres humanos e não-humanos enquanto seres iminentemente social e cultural. Além disso, os estudos apoiados em analogias etnográficas tem contribuído para uma melhor compreensão dos motivos que impulsionaram o desenvolvimento da arte em sociedades ameríndias. Por isso, pretende-se também contribuir com substratos teóricos para pesquisas futuras que tenham intuito em analisar os variados contextos sociais e culturais dos grupos indígenas através de suas motivados artísticas, porém, sem perder de vista as ideias trazidas por Viveiros de Castro, que são fundamentais para começar uma análise e uma interpretação sobre o pensamento cosmológico dessas sociedades, antes do contato com o colonizador europeu.

Palavras-chave: Arte Indígena Sociedades de Tradição Oral Perspectivismo Ameríndio

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

A ARTE DAS SOCIEDADES DE TRADIÇÃO ORAL

¹ Aluno de graduação. hectorzapatapa@gmail.com. Autor principal

² Aluno de pós-graduação. magnoc2@hotmail.com. Orientador

A ARTE DAS SOCIEDADES DE TRADIÇÃO ORAL

1 INTRODUÇÃO

Diversos estudos sobre a arte nas sociedades de tradição oral¹ têm resultado em importantes trabalhos para melhor entender seus universos culturais, demonstrando um “status” diferente ao visto nas sociedades ocidentais. Nas primeiras, a arte se expressa de acordo com sua função social, em uma relação ao contexto cultural em que não existe distinção entre indivíduo e grupo social, entre trabalho e lazer, entre direitos e obrigações, e a inexistência da propriedade privada; os padrões estéticos de determinado grupo comunicam sobre sua cosmologia e mitologia, sua organização social diferenciada de outra sociedade, e sua relação com outras comunidades e seres da natureza (SCHAAN, 1996).

Assim, o objetivo desse trabalho é entender a arte enquanto linguagem/sistema de significações socialmente compartilhada por um grupo, diretamente ligada a um repertório mítico, denominado de Perspectivismo Ameríndio por Eduardo Viveiros de Castro, em que “o mito fala de um estado do ser onde os corpos e os nomes, as almas e as afecções, o eu e o outro se interpenetram” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996:135).

Ademais, as analogias etnográficas tem possibilitado entender os motivos que impulsionaram o incremento artístico nas sociedades arqueológicas. Exemplo disso é a dissertação de mestrado da Antropóloga Denise Pahl Schaan (1996), intitulado *A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara*, em que cita pelo menos quatro trabalhos antropológicos que são importantes para entender a influência dos estudos da arte indígena para as pesquisas arqueológicas e etnológicas. O primeiro, são as pesquisas realizadas por Nancy Munn com os Walbiri da Austrália, das quais, “eram um espécie de código mnemônico que ajudava a tornar visual e materializar, portanto, a estória” (SCHAAN, 2007:101); o segundo, caso é a pesquisa de Regina Pólo Müller (1990) sobre os Asurini do Xingu, da qual, “ela que as representações (...) veiculavam também informações e conceitos de importância fundamental para o grupo” (SCHAAN, 2007:101); em seguida, Reichel-Dolmatoff “percebeu que grafismos reproduzidos pelos Tukano estavam relacionados a visões luminosas produzidas pelo estímulo fisiológico de drogas como o *yajé*” (SCHAAN, 2007:101); e, por fim, Max Knoll, que “identificou imagens mais ou menos padronizadas que se formam na retina do olho, produzidas por estímulos químicos e neurológicos” (SCHAAN, 2007:101), a que “intituiu-se fosfenos de Knoll”.

2 METODOLOGIA

Buscou-se, junto aos estudos especializados em Arqueologia e Antropologia, amparados por analogias etnográficas, especialmente nos trabalhos desenvolvidos pelas pesquisadoras Denise Pahl Schaan e Cristiana Nunes Galvão de Barros Barreto.

Além disso, procurou-se no Perspectivismo Ameríndio, de Viveiros de Castro, um pensamento indígena sobre a relação entre seres humanos e não-humanos enquanto posições cosmológicas, objetivando um melhor entendimento sobre como as sociedades de tradição oral concebem as expressões artísticas a partir de seu universo mítico.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Os estudos das sociedades de tradição oral, a partir de analogias etnográficas, têm-se revelado demasiado importantes para entender como esses grupos transmitiam seus conhecimentos e compartilhamentos de seus aspectos cosmológicos. Levi-Strauss (1975 *apud*.

¹ Acepção aceita por Denise Pahl Schaan (Doutora em Antropologia Social, Universidade de Pittsburgh, no intuito de caracterizar tais sociedades pelos aspectos que possuem).

SCHAAN, 1996) aponta que os mitos convivem de modo que os elementos estejam combinados entre si, representando e revivendo momento mitológicos.

Nesse sentido, Denise Schaan (1996) admite que a arte nessas sociedades está inserida nos demais contextos das expressões humanas, como, por exemplo, religião, comércio, política, organização social, tecnologia, leis, etc., de tal modo que sugere uma reflexão sobre o conceito de arte, tendo em vista seu conceito “cronocentrista”. Por sua característica, propõe-se a utilização do termo “etnoarte”, pois, faz referência a uma tradição plástica e contextualiza a arte sócio-culturalmente.

Cabe compreender que a arte cumpre um papel social e cultural dentro de cada grupo indígena, transmitindo conhecimento mitológicos e cosmológicos. A arte, enquanto papel social, assinala sobre os valores do grupo e conferem status aos seus usuários. Se admitirmos a mesma concepção de Geertz para cultura, ambas se confundem “como código compartilhado pelos membros de uma sociedade” (GEERTZ *apud*. SCHAAN, 1996:31).

Deste modo, a etnoarte pode ser compreendida enquanto um sistema de comunicação, por meio de redes de significados culturais, operando um sistema que engloba a teorização, abstração e comunicação de experiências, devido suas necessidades. Ou seja, “é ao mesmo tempo veículo de socialização e comunicação. (...) É, por fim, um código cultural compartilhado pelos membros da comunidade” (SCHAAN, 1996:31).

Dessa forma, Schaan (1996) afirma que os rituais são os melhores momentos para analisar as experiências simbólicas das relações que se estabelecem dentro de cada uma das sociedades arqueológicas, como pode-se observar mais adiante:

“Eles expressam a visão que o grupo tem do universo, pela teatralização de seus mitos, e geralmente traduzem preocupações de natureza universal, observáveis em todas as culturas. (...) Os rituais envolvem não só a transmutação dos atores sociais em personagens das narrativas míticas como a utilização de objetos de grande importância para o relacionamento dos homens com os mundos natural e sobrenatural. Assim, esses objetos carregam grande significado simbólico” (SCHAAN, 1996:34)

Destarte, essas práticas são formas de memorizar e transmitir conhecimentos/códigos compartilhados por indivíduos e objetos, constituindo de um sistema coerente de significados.

Para tanto, o perspectivismo ameríndio, apontado por Viveiros de Castro, possibilita perceber como as sociedades ameríndias se relacionam com os demais seres da natureza. Segundo o autor, “os ameríndios acredita que cada espécie animal se vê a si mesma como humana. (...) Percebem os grupos de animais como se fossem sociedades. (...) Ou seja, eles entendem que esses animais estão organizados e pensam da mesma forma que eles, humanos” (VIVEIROS DE CASTRO, 2005 *apud*. SCHAAN, 2007).

Nota-se que os animais estão ligados a história social do grupo. Na medida em que demonstram uma complexidade na relação entre humanos e animais, percebe-se essas complexidades concebidas nos mitos e nas manifestações estéticas das sociedades de tradição oral, ocorrendo a existência de uma “linguagem visual” ou um “sistema de significações”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se a importância da arte nas sociedades de tradição oral como um sistema de comunicação socialmente compartilhada, representando, muitas vezes, momentos míticos. Devido sua relevância para melhor compreender os aspectos culturais das sociedades arqueológicas, principalmente no que tange um sistema de linguagem coerente, faz-se necessário, primeiramente, discutir sobre as definições sobre a arte no contexto dessas sociedades, atentando que que nelas, não se insere na concepção das sociedades ocidentais.

Não obstante, é necessário apreender o conceito de perspectivismo ameríndio, desenvolvido por Eduardo Viveiros de Castro, pois, é imprescindível para interpretar e buscar significados nas expressões artísticas e poder compreender suas principais relações estabelecidas, como, por exemplo, sua organização social do grupo.

Portanto, a etnoarte e o perspectivismo ameríndio contribuem como um substrato teórico fundamental para analisar e desenvolver estudos ligados às artes indígenas, como, por exemplo, as linguagens visuais das artes cerâmicas marajoaras estudadas por Denise Schaan e Cristiana Barreto.

REFERÊNCIAS

Monografias, Dissertações e Teses

BARRETO, Cristiana. Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia Antiga. 2009. Dissertação (Doutorado em Arqueologia) - São Paulo: Programa de pós-graduação em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SCHAAN, D. P. A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS, Porto Alegre, 1996.

Artigos em Periódico Técnico-Científico

GOMES, D. M. C. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, p. 133-159, 2012.

SCHAAN, D. P. A arte da cerâmica marajoara: encontros entre o passado e o presente. Habitus, v. 5, p. 99-117, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os Pronomes Cosmológicos e O Perspectivismo Ameríndio. Mana (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 2, n.2, p. 115-144, 1996.